

Uma visão da China e das **relações sino-brasileiras**

Na manhã do dia 31 de agosto de 2012, ocorreu, na FAAP, a palestra do embaixador da República Popular da China no Brasil, Li Jinzhang. Ele assumiu o cargo no Brasil em janeiro de 2012. Sua carreira está bastante associada à América Latina, tendo passado duas vezes pela embaixada chinesa em Cuba (1976-1980; 1990-1993), além de ter trabalhado na Nicarágua (1988-1990) e no México (2001-2003).

Após sua passagem por esses países, Li Jinzhang assumiu o cargo de diretor do Departamento para América Latina do Ministério das Relações Exteriores da China, posição na qual se manteve até tornar-se vice-ministro das Relações Exteriores em 2006.

Na apresentação do embaixador chinês, o presidente do Conselho Empresarial Brasil-China, o embaixador Sergio Amaral, que também é diretor do Centro de Estudos Americanos da FAAP, ressaltou: “Há alguns meses, na inauguração do Instituto Confúcio aqui na FAAP, ficou decidido com a entidade parceira da China – University of International Business and Economics (UIBE) – que este seria o **Instituto Confúcio para Negócios da FAAP**. Isso foi muito importante, porque esse é também o papel do Conselho Empresarial Brasil-China, ou seja, fomentar as oportunidades de um melhor entrosamento entre as comunidades empresariais dos dois países, justamente com vistas a uma melhor qualidade dos negócios.

Inicialmente no nosso Instituto se abrirão quatro vertentes. A primeira será dos cursos de língua chinesa para adultos e adolescentes. A segunda será de um curso de pós-graduação em estudos contemporâneos sobre a China. A terceira estará voltada para a capacitação de executivos em curto prazo, discutindo-se a cultura de negócios, o espírito empreendedor e o ambiente nas organizações chinesas. Finalmente a quarta vertente estará voltada para as atividades culturais e artísticas, a organização de seminários, conferências, exposições e oficinas de artes, aproveitando os palestrantes, professores e artistas que vierem para o Instituto Confúcio na FAAP, enviados pelo Hanban.

O Hanban é um instituto público, afiliado ao Ministério da Educação chinês, para promover a língua chinesa e fornecer recursos pedagógicos e culturais em todo o mundo, tudo para atender à demanda de estrangeiros que querem aprender sobre a China, desenvolvendo, assim, o multiculturalismo e a construção de um mundo mais harmonioso.

Portanto, o Instituto Confúcio na FAAP será muito particular, isto é, terá uma **vocação para os negócios**.

Em todas essas futuras ações, que contam com o estímulo direto do embaixador Li Jinzhang, fica claro que ele está procurando estabelecer um estreitamento real entre as comunidades empresariais do Brasil e da China e também uma aproximação cada vez maior no campo acadêmico,

O embaixador Sergio Amaral, presidente do Conselho Empresarial Brasil-China e diretor do Centro de Estudos Americanos da FAAP, fazendo a apresentação do embaixador da China no Brasil, Li Jinzhang.





O embaixador da China no Brasil, Li Jinzhang, no decorrer de sua exposição tendo ao seu lado o cônsul-geral da China em São Paulo, Sun Rongmao.

promovendo-se um maior intercâmbio de alunos e professores entre os dois países.”

O embaixador Li Jinzhang declarou: “Em julho de 2012, tive a possibilidade de participar da inauguração do Instituto Confúcio aqui na FAAP, e o objetivo é o de tornar **esse instituto o melhor do mundo!** E estou disposto a dar a minha modesta colaboração para que isso aconteça.

A cultura chinesa tem mais de cinco mil anos, mas quero iniciar a minha palestra destacando que, uns 200 anos atrás, dom João VI estimulou a vinda dos primeiros imigrantes chineses para desenvolver a cultura do chá no Brasil e a organizar um belo parque no Rio de Janeiro, o Jardim Botânico, que existe até hoje, sendo uma das maravilhas da cidade.

Cerca de 38 anos atrás, China e Brasil estabeleceram relações diplomáticas. Muitos questionaram o que ficou acertado, mas, algum tempo depois, mais precisamente em 1993, os dois países estabeleceram uma parceria estratégica.

Nós somos dois países imensos, e o que muitas pessoas não entendem nem imaginam é que esse relacionamento entre nossas nações é desenvolvido na medida em que ocorrem relações bilaterais de impacto, as quais, aliás, entraram no melhor período de sua história no que concerne ao desenvolvimento da cooperação mútua em vários campos.

Em abril de 2011, quando a presidenta Dilma Rousseff fez a sua primeira viagem fora da América Latina, ela visitou a China em missão de Estado. Em fevereiro

de 2012, quando o vice-primeiro-ministro Wang Qishan fez uma viagem especial ao Brasil, ele e o vice-presidente do Brasil, Michel Temer, copresidiram a II Reunião da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível (COSBAN). Por fim, em junho de 2012, o primeiro-ministro Wen Jiabao acertou o convite para participar da conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, fazendo uma visita oficial ao Brasil.

Durante a mesma, ele assinou com a presidenta Dilma Rousseff um acordo de dez anos para o desenvolvimento econômico e humano dos dois países e foi anunciado um incremento da parceria estratégica, ou seja, conduzida para um patamar mais elevado no campo pragmático da cooperação comercial e econômica.

Nesses últimos dez anos houve um desenvolvimento considerável não só no comércio entre as nossas duas nações, mas também nos investimentos e em diversas áreas (energia, tecnologia, ciência, finanças etc.). Em 2011, o comércio do Brasil com a China

alcançou o valor de US\$ 84 bilhões (tendo a China importado US\$ 44,31 bilhões), e nesses últimos três anos, o meu país tornou-se o maior parceiro comercial do Brasil. E dentro do bloco BRIC, o Brasil supera a Rússia e a Índia como nosso maior parceiro comercial.

Atualmente, já temos o nosso Banco da China, bem como o Industrial and Commercial Bank of China (ICBC), o mais lucrativo e o maior banco em valor de mercado do mundo, aqui no Brasil, e o Instituto Confúcio para Negócios, inaugurado em julho na FAAP, é o quinto que temos no País, com o que muitas pessoas poderão aprender o mandarim, e sei que diversos diplomatas brasileiros já dominam o nosso idioma. Mas muitos chineses também vão aprender o português, para que, com isso, fique mais fácil a nossa

Um aspecto do público que acompanhou a palestra do embaixador Li Jinzhang.





O embaixador Rubens Ricupero, diretor da Faculdade de Economia da FAAP, fazendo os comentários finais sobre a exposição do embaixador Li Jinzhang.

compreensão mútua.

Em julho, a rede de televisão estatal da China exibiu um seriado da TV brasileira chamado *Guerra e Amor*, a qual teve uma grande aceitação pelo público. A denominação dele em português é *A Casa das Sete Mulheres*.

Devemos analisar com atenção essa tradução (ou a versão) que foi adotada no meu país para o seriado, ou seja, *Guerra e Amor*. É preciso ter um bom olhar para esse drama. Talvez na guerra, o amor também possa ser doce! Mas, na diplomacia, sem amor, tenho plena convicção de é difícil evitar a guerra.

A relação entre nossos países está crescendo pacificamente com um intenso nivelamento estratégico. Quem olhar para o mapa consegue enxergar os dois maiores países em desenvolvimento do hemisfério oriental e do ocidental, respectivamente China e Brasil, e, no momento somos, as **mais importantes economias emergentes do mundo!** Os nossos países também são cada vez mais importantes quando se tratam assuntos de políticas internacionais. O equilíbrio do poder mundial está mudando, e somos parte importante dessa nova situação internacional nesse novo período de definição das economias preponderantes. Claro que tal situação vai estabelecer as bases de uma nova ordem internacional, e por isso temos grandes interesses

comuns em assuntos de repercussão global, nos quais temos uma posição muito semelhante.

Ambos os países desejam manter a paz e a estabilidade do mundo para, dessa forma, promover a prosperidade comum e estimular um equilíbrio mais justo na influência internacional de cada nação.

Quero também expressar um pouco as minhas próprias ideias sobre algumas questões que têm gerado polêmicas e preocupações aqui no Brasil. Vou concentrar-me especificamente no tema de que o Brasil exporta para a China só produtos primários e matérias-primas de baixo valor agregado. E, por outro lado, o Brasil importa da China muitos produtos industriais, o que, certamente, poderá ter um impacto negativo na indústria de transformação brasileira, inclusive agravar a sua desindustrialização. É preciso ter uma compreensão melhor do que ocorre em cada um dos nossos países para não transformar essa preocupação em algo que afete as nossas relações comerciais bilaterais.

Se considerarmos a estrutura econômica dos dois países, graças aos recursos naturais do Brasil, que são enormes, é evidente que os brasileiros levam uma enorme vantagem. Na China, os recursos naturais são relativamente escassos. O que gera um gargalo para o desenvolvimento da nossa economia são fatos como a escassez da água – o que atrapalha muito a nossa agricultura – e não termos minério para a nossa indústria siderúrgica. O Brasil tem recursos minerais abundantes, e a mineração é um dos setores importantes da economia brasileira.

A compra de tanto minério do Brasil e o desenvolvimento da indústria do aço no meu país permitiram a construção de infraestrutura adequada para o desenvolvimento da nossa economia.

O desenvolvimento econômico e social de um dos países parceiros permite que haja também a promoção do desenvolvimento no outro, pois o comércio entre ambos só tende a crescer, e eles acabam se complementando por meio do círculo virtuoso, ou seja, o crescimento de um impulsiona o do outro.

Recentemente, muitas medidas foram tomadas pelo governo da China para permitir a diversificação das exportações de produtos brasileiros para o meu país. Dessa maneira, não só a soja, mas também o óleo de soja, a celulose, produtos químicos, petróleo, carne e diversos outros pro-

Na reunião do Conselho Empresarial Brasil-China, que ocorreu no *campus* da FAAP antes da palestra. A partir da esquerda, o ex-ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, o embaixador Li Jinzhang, o embaixador Sergio Amaral, coordenando o encontro, e Julia Dias Leite, secretária executiva do Conselho Empresarial Brasil-China.





O embaixador da China no Brasil, Li Jinzhang, o embaixador Sergio Amaral, o diretor-tesoureiro da FAAP, Américo Fialdini Jr., e o diretor-presidente da FAAP, Antonio Bias Bueno Guillon.

duto brasileiro processados estão sendo encontrados na China.

Para falar de valor agregado proveniente do conteúdo científico e tecnológico, um bom exemplo é o da Embraer, que já está há algum tempo na China e que nesses últimos anos recebeu pedidos de aquisição de compra de cerca de 130 aeronaves de sua fabricação. Atualmente, já temos voando na China mais de cem aviões da Embraer.

Torna-se indispensável reduzir o custo dos produtos industriais feitos aqui no Brasil, o que significaria a melhoria da competitividade dos mesmos e permitiria que eles fossem adquiridos não apenas na China, mas em muitos outros países da Ásia.

A agricultura no Brasil, que parece ser moderna, pois a maior parte da população vive nas cidades, pode ter um grande salto, e o País pode perfeitamente chegar a 600 milhões de toneladas de produção anual de alimentos, sendo que boa parte deles seria comprada pela China.

A produtividade da agricultura brasileira é boa, mas pode ser incrementada com o uso de sementes de alto rendimento, como é o caso do plantio da soja transgênica.

Os investimentos da China no Brasil ainda não são tão significativos como poderiam ser, mas já estamos envolvidos aqui através do grupo Sinopec na exploração do petróleo, e a Companhia Nacional de Eletricidade da China está em estreita cooperação com o setor de energia elétrica do Brasil há mais de dez anos. Hoje, na China, e em todos os outros lugares que as nossas empresas atuam, procuramos proteger o meio ambiente, desenvolver tecnologias que permitem economizar energia e conseguir, assim, um desenvolvimento sustentável, situação que é almejada no século XXI pelo povo de qualquer país.

Nesses quase 40 anos, desde que os nossos países estabeleceram as relações diplomáti-

cas, houve um acúmulo muito rico de experiências de vida, de relacionamentos comerciais e o estabelecimento de uma visão mais madura, racional e científica.

Após essas quatro décadas, vejo o relacionamento no futuro dos dois países por meio de uma metáfora, como sendo um navio com uma grande vela aberta ao mar, capaz de ir para qualquer lugar desde que lhe seja dada a direção adequada...

É por isso que os parceiros estratégicos devem ter sempre uma **perspectiva estratégica**, ou seja, estabelecer uma **visão de longo prazo**, sabendo com convicção a direção para a qual se deve seguir, fazendo com que a nossa relação nos leve a um patamar de maior **benefício para os nossos povos** e traga uma contribuição significativa para a **paz mundial**.

Em segundo lugar, temos a **motivação**, ou seja, o navio precisa sempre de uma fonte de energia para guiá-lo, isto é, deve-se aumentar a nossa cooperação econômica e comercial para impulsionar cada vez mais as nossas relações bilaterais.

Queremos, dessa forma, que cada um dos nossos países possa expandir ainda mais a abertura do mercado e otimizar a sua estrutura comercial em oposição ao protecionismo, com o que vamos contribuir para a melhoria da balança comercial bilateral e o desenvolvimento sustentável.

Um outro ponto fundamental é o incremento da nossa **cooperação financeira**, que torne a parceria cada vez mais sólida e aumente o ciclo virtuoso entre as duas nações.

Notei que a civilização brasileira e também a chinesa têm em comum uma **cultura aberta e inclusiva**. E essa inclusão deve ser muito valorizada para que possamos aprender um com os outros com as trocas mútuas visando ao progresso comum através dos intercâmbios culturais, da amizade e do relacionamento cada vez mais íntimo entre os nosso cidadãos, em especial dos nossos jovens, que representam o futuro de cada uma das nações.

O embaixador da China no Brasil, Li Jinzhang, a secretária do embaixador chinês, Pu Tiantian, a secretária executiva do Conselho Empresarial Brasil-China, Julia Dias Leite, e os empresários Alan Goldlust e Jair Ribeiro.



Ao navegar no mar não se pode ter medo de tempestades, pois é normal encontrar tais dificuldades. Temos que aprender a resistir às crises que podem apresentar-se como *tsunamis* financeiros.

Nessa parceria entre o Brasil e a China poderão surgir alguns atritos econômicos e comerciais, e vamos ter que conviver com alguns períodos de altos e baixos, porém fundamentados na nossa racionalidade e na coragem, vamos sempre chegar a uma vontade política de contorná-los, superá-los, para, no final, podermos ajudar um ao outro. Em resumo, o desenvolvimento chinês e brasileiro estabeleceu uma prioridade para a posição da política externa da China, ou seja, manter uma excelente relação de longo prazo com o Brasil.”

No encerramento da palestra do embaixador Li Jinzhang, o diretor da Faculdade de Economia da FAAP, o embaixador Rubens Ricupero, ressaltou: “A apresentação do embaixador Li Jinzhang foi muito rica e interessante. Ele se referiu às reações que se registram no Brasil a essa presença avassaladora da China na vida comercial e na vida econômica do nosso País. Mas esse é um fenômeno que

alcança todos os países da Terra e não se limita ao Brasil. E isso porque o que está ocorrendo é a **reemergência** e uso a palavra deliberadamente, pois não é apenas uma emergência. É apenas a volta da China à posição que ela teve no mundo antes da Revolução Industrial, ou seja, uns 250 anos atrás.

Essa reemergência da China é um dos dois ou três fenômenos mais importantes da evolução das relações internacionais dos últimos 300 anos. Poucos foram os acontecimentos de tamanha envergadura como foi essa reemergência da China e de que forma alguma se **limita ao terreno econômico-comercial**. É um fenômeno que abrange muitos outros setores, como o político, cultural, científico, educacional etc. A China tem feito muitos países saírem da sua inércia.

Nós, há 40 anos, não investimos da forma como deveríamos na nossa infraestrutura. Na década de 1970, investimos três vezes mais do que hoje. A China tem forçado os países das mais diversas partes do mundo a se mexerem, a encararem o seu atraso.

Para mim, pareceu que, durante esses últimos 250 anos, a China dava a impressão de uma baleia gigante, que mergulhou no fundo do oceano e permaneceu lá por um longo período e agora voltou para a superfície. É uma baleia gigantesca que faz ondas enormes. E essas ondas, sem dúvida, ameaçam muitos negócios nos diversos países do mundo e podem até afogá-los... Outros estão aprendendo a surfar nessas ondas.

O nosso País tem de estar entre aqueles que vão surfar nessas intensas ondas provocadas por essa potência econômica, tecnológica e cultural que é a China.”

A partir da esquerda, Américo Fialdini Jr., Alan Goldlust, Paulo Sotero Marques, Julia Dias Leite, Rubens Ricupero, Octavio de Barros, Sergio Amaral, Li Jinzhang, Jair Ribeiro, Antonio Bias Bueno Guillon, Sun Rongmao, Roberto Teixeira da Costa, Zhang Dongxiang e Luiz Alberto Machado, após o almoço que ocorreu na sede da FAAP, na rua Ceará nº2.

